



Natália Lampert Batista
(Organizadora)

GEOGRAFIA: DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

 **Atena**
Editora
Ano 2019

Natália Lampert Batista

(Organizadora)

Geografia: Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
G345	Geografia [recurso eletrônico] : desenvolvimento científico e tecnológico / Organizadora Natália Lampert Batista. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia. ISBN 978-85-7247-489-4 DOI 10.22533/at.ed.894191807 1. Geografia – Pesquisa – Brasil. I. Batista, Natália Lampert. CDD 910.03
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Geografia é uma ciência eclética e versátil. Ela permeia diferentes campos do saber e se constitui de um objeto de estudo dinâmico e híbrido: o espaço geográfico. Para entender o espaço geográfico é necessário compreender as interfaces humanas, sociais, físicas, ambientais e políticas desta área do conhecimento, bem como se dedicar ao entendimento do seu ensino em sala de aula. O objeto de análise da Geografia é fluído e dialético e, portanto, é preciso constantemente (re)pensar seus focos de investigação e difundir novos saberes sobre essa relevante área do conhecimento.

Assim, o livro “Geografia: desenvolvimento científico e tecnológico” desponta neste cenário para contribuir, mesmo que momentaneamente, com o estado da arte da ciência geográfica, trazendo relevantes pesquisas sobre diferentes enfoques geográficos. Os primeiros capítulos do livro se vinculam, preponderantemente, com o lado humano, político e social desta ciência. Na sequência, encontram-se as temáticas mais voltadas a Geografia Física. Por fim, destacam-se os textos atrelados ao ensino de Geografia, a Educação Geográfica e a necessidade de uma educação crítica no que tange a busca por um processo de ensino-aprendizagem significativo e emancipatório.

No capítulo “Agroecologia e agricultura familiar: um caminho para o desenvolvimento rural sustentável”, Aldeane Machado Dias e Ana Carolina Silva dos Anjos discutem como a agroecologia no Brasil vem se mostrando como um caminho para transformar o rural contemporâneo. Em “Camponês e Agricultor Familiar: mesmos sujeitos?”, Rosaly Stange Azevedo e André Filipe Pereira Reid dos Santos apresentam os pontos centrais dos paradigmas sobre os quais se desenvolve o debate sobre a complexidade da questão agrária na atualidade.

Andressa Garcia Fontana, Alessandro Carvalho Miola, Ricardo Vieira da Silva e Vitor Hugo de Almeida Junior também enfocam o rural no capítulo “Análise dos condicionantes de distribuição espacial de produtores de frutas, legumes e verduras na região central do Rio Grande do Sul”, cujo objetivo foi analisar os fatores condicionantes para a distribuição de produtores de frutas, legumes e verduras a partir de uma abordagem de análise geoespacial. Já Evandro André Félix, Valéria do Ó Loiola e Célia Alves de Souza apontam que os processos de mercantilização da água se configuram por meio do estabelecimento de controle e posse dos recursos hídricos, seguido de sua valoração e comercialização por meio do capítulo “Mercantilização da água e Agronegócio, conceitos e perspectiva de inserção na bacia hidrográfica do Rio Cabaçal/MT: aspetos atuais e tendências na dinâmica socioespacial e hidrológica”.

No capítulo “O trabalho dos haitianos na agroindústria de Cascavel/PR”, Lineker Alan Gabriel Nunes e Ideni Terezinha Antonello visam investigar a inserção dos imigrantes haitianos no município de Cascavel/PR a partir da perspectiva das suas condições de trabalho. Já Adelange dos Santos Costa debate “A Reforma Trabalhista Brasileira, Neoliberalismo versus Direitos do Trabalhador”, refletindo criticamente sobre a Reforma Trabalhista Brasileira aprovada no ano de 2017.

Na sequência, Gil Carlos Silveira Porto traz “Notas sobre o planejamento urbano e regional” evidenciando algumas dimensões desse tema no Brasil. Paula Pontes Caixeta e Idelvone Mendes Ferreira, em “Complexidade entre paisagem e território no município de Catalão (GO): análise contextual”, trazem uma contextualização entre a paisagem e o território a partir da análise da legislação ambiental vigente no Plano Diretor de Catalão (GO), através de revisão teórico-conceitual. Beatriz da Silva Souza apresenta o capítulo “Perspectivas entre Geografia e Literatura: o lugar na obra ‘Casa de Pensão’ de Aluísio Azevedo” que estabelece o diálogo entre a Geografia e a Literatura com abordagens fenomenológicas e de cunho humanístico.

Sob a perspectiva da Geografia Física, Douglas Cristino Leal debate “A importância do radar meteorológico na previsão de desastres naturais”. Ademais o artigo conta com uma análise episódica que elucida uma situação de instabilidade atmosférica severa. Rubia Cristina da Silva e João Donizete Lima realizam o “Mapeamento da fragilidade ambiental na bacia hidrográfica do Rio Dourados (MG)”, destacando que a bacia possui risco forte de susceptibilidade a erosão, onde o mapeamento realizado é eficaz para a compreensão da fragilidade ambiental na medida em que considera as características topográficas e naturais como também a influência antrópica no meio ambiente. Karolina Gameiro Cota Dias e Carla Maciel Salgado apresentam “Exercícios práticos para o estudo de processos geomorfológicos” resultantes da disciplina de Geomorfologia Continental, inserida no Curso de Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF).

O capítulo “A formação continuada do professor de Geografia versus semana pedagógica: um processo consistente?”, de Francisco das Chagas Nascimento Ferreira, teve como objetivo a realização de uma breve revisão bibliográfica acerca da formação continuada de professores, relacionada ao contexto das semanas pedagógicas, em especial, a formação do professor de Geografia do Ensino Fundamental II. José Marcelo Soares de Oliveira, Livana Sousa Guimarães, Maria Raiane de Mesquita Gomes, Ernane Cortez Lima e José Falcão Sobrinho, no capítulo “Água para quem? Entendendo a geografia política da água”, buscam abordar o tratamento que é dado às práticas de economia de água, que visam uma melhor convivência no ambiente semiárido, desenvolvendo oficinas com alunos do Ensino Médio no município de Sobral/CE. Já Edson José do Nascimento e Adriana Castreghini de Freitas Pereira debatem a relação entre o espaço vivido dos alunos com o livro didático em “O livro didático e os conteúdos sobre a cidade no 7º ano em uso nas salas de aulas no município de Ibiporã/PR”.

No capítulo “O uso de games e filmes no ensino de Geografia: um estudo de caso com alunos do 3º ano do Ensino Médio”, David Augusto Santos e Eduardo Donizeti Giroto relatam o desenvolvimento de práticas com vistas a interpretações de filmes e jogos a partir de conceitos geográficos como território, espaço, lugar, escala. Nesta mesma linha inovadora e lúdica do ensino de Geografia, Jaqueline Daniela da Rosa discute “Os multiletramentos no estudo do município em Geografia: uma

prática interdisciplinar utilizando fotografia e escrita” que resultou na elaboração de um produto pedagógico para o ensino da Geografia com crianças, voltado principalmente ao letramento visual e digital e leitura e escrita.

Iapony Rodrigues Galvão, Dênis Vitor Batista de Brito, Jéssica Adriana de Oliveira Macedo, Mônica Gabriela Dantas de Medeiros e Wesley Anderson Pereira da Silva, no capítulo “Reflexões sobre a distribuição espacial do docente de Geografia capacitado para o ensino de libras em Carnaúba dos Dantas/RN, Jardim do Seridó/RN e Caicó/RN” buscaram compreender a distribuição de docentes de Geografia que possuem capacitação para traduzir o conhecimento geográfico para alunos surdos ou deficientes auditivos. Por fim, Maria Heloiza Bezerra da Silva debate “O ensino da matemática na educação de jovens e adultos trabalhadores rurais: a (im)possível aprendizagem para uma emancipação social crítica”. Esse capítulo tem origem nas discussões sobre Educação e Trabalho e sobre Educação Crítica associadas à busca de uma aprendizagem crítica, significativa e emancipatória.

Portanto, o livro “Geografia: desenvolvimento científico e tecnológico” apresenta diferentes perspectivas sobre o conhecimento geográfico e suas diferentes áreas de abrangência, isto é, a análise e discussão sobre o espaço geográfico, as paisagens, os lugares, as regiões e os territórios que constituem o objeto da Geografia. Essa diversidade de temáticas demonstra a versatilidade da abordagem geográfica e reúne uma série de pesquisas de qualificados profissionais da área e de ciências afins, levando-nos a (re)pensar atualidade da abordagem da Geografia na contemporaneidade.

Desejamos a todos uma ótima leitura!

Natália Lampert Batista

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AGROECOLOGIA E AGRICULTURA FAMILIAR: UM CAMINHO PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL	
Aldeane Machado Dias Ana Carolina Silva Dos Anjos	
DOI 10.22533/at.ed.8941918071	
CAPÍTULO 2	8
CAMPONÊS E AGRICULTOR FAMILIAR: MESMOS SUJEITOS?	
Rosaly Stange Azevedo André Filipe Pereira Reid dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.8941918072	
CAPÍTULO 3	22
ANÁLISE DOS CONDICIONANTES DE DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DE PRODUTORES DE FRUTAS, LEGUMES E VERDURAS NA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL	
Andressa Garcia Fontana Alessandro Carvalho Miola Ricardo Vieira da Silva Vitor Hugo de Almeida Junior	
DOI 10.22533/at.ed.8941918073	
CAPÍTULO 4	41
MERCANTILIZAÇÃO DA ÁGUA E AGRONEGÓCIO, CONCEITOS E PERSPECTIVA DE INSERÇÃO NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO CABAÇAL/MT: ASPETOS ATUAIS E TENDÊNCIAS NA DINÂMICA SOCIOESPACIAL E HIDROLÓGICA	
Evandro André Félix Valéria do Ó Loiola Célia Alves de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.8941918074	
CAPÍTULO 5	54
O TRABALHO DOS HAITIANOS NA AGROINDÚSTRIA DE CASCAVEL/PR	
Lineker Alan Gabriel Nunes Ideni Terezinha Antonello	
DOI 10.22533/at.ed.8941918075	
CAPÍTULO 6	65
A REFORMA TRABALHISTA BRASILEIRA, NEOLIBERALISMO X DIREITOS DO TRABALHADOR	
Adelange Dos Santos Costa	
DOI 10.22533/at.ed.8941918076	
CAPÍTULO 7	74
NOTAS SOBRE O PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL	
Gil Carlos Silveira Porto	
DOI 10.22533/at.ed.8941918077	

CAPÍTULO 8	78
COMPLEXIDADE ENTRE PAISAGEM E TERRITÓRIO NO MUNICÍPIO DE CATALÃO (GO): ANÁLISE CONTEXTUAL	
Paula Pontes Caixeta Idelvone Mendes Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.8941918078	
CAPÍTULO 9	91
PERSPECTIVAS ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA: O LUGAR NA OBRA “CASA DE PENSÃO” DE ALUÍSIO AZEVEDO	
Beatriz da Silva Souza	
DOI 10.22533/at.ed.8941918079	
CAPÍTULO 10	102
A IMPORTÂNCIA DO RADAR METEOROLÓGICO NA PREVISÃO DE DESASTRES NATURAIS	
Douglas Cristino Leal	
DOI 10.22533/at.ed.89419180710	
CAPÍTULO 11	114
MAPEAMENTO DA FRAGILIDADE AMBIENTAL NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO DOURADOS (MG)	
Rubia Cristina da Silva João Donizete Lima	
DOI 10.22533/at.ed.89419180711	
CAPÍTULO 12	129
EXERCÍCIOS PRÁTICOS PARA O ESTUDO DE PROCESSOS GEOMORFOLÓGICOS	
Karolina Gameiro Cota Dias Carla Maciel Salgado	
DOI 10.22533/at.ed.89419180712	
CAPÍTULO 13	135
A FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA X SEMANA PEDAGÓGICA: UM PROCESSO CONSISTENTE?	
Francisco das Chagas Nascimento Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.89419180713	
CAPÍTULO 14	144
ÁGUA PARA QUEM? ENTENDENDO A GEOGRAFIA POLÍTICA DA ÁGUA	
José Marcelo Soares de Oliveira Livana Sousa Guimarães Maria Raiane de Mesquita Gomes Ernane Cortez Lima José Falcão Sobrinho	
DOI 10.22533/at.ed.89419180714	

CAPÍTULO 15	154
O LIVRO DIDÁTICO E OS CONTEÚDOS SOBRE A CIDADE NO 7º ANO EM USO NAS SALAS DE AULAS NO MUNICÍPIO DE IBIPORÃ/PR	
Edson José do Nascimento Adriana Castreghini de Freitas Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.89419180715	
CAPÍTULO 16	164
O USO DE GAMES E FILMES NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UM ESTUDO DE CASO COM ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO	
David Augusto Santos Eduardo Donizeti Giroto	
DOI 10.22533/at.ed.89419180716	
CAPÍTULO 17	175
OS MULTILETRAMENTOS NO ESTUDO DO MUNICÍPIO EM GEOGRAFIA: UMA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR UTILIZANDO FOTOGRAFIA E ESCRITA	
Jaqueline Daniela da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.89419180717	
CAPÍTULO 18	186
REFLEXÕES SOBRE A DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DO DOCENTE DE GEOGRAFIA CAPACITADO PARA O ENSINO DE LIBRAS EM CÂRNAÚBA DOS DANTAS/RN, JARDIM DO SERIDÓ/RN E CAICÓ/RN	
Iapony Rodrigues Galvão Dênis Vitor Batista de Brito Jéssica Adriana de Oliveira Macedo Mônica Gabriela Dantas de Medeiros Wesley Anderson Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.89419180718	
CAPÍTULO 19	194
O ENSINO DA MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS TRABALHADORES RURAIS: A (IM) POSSIVEL APRENDIZAGEM PARA UMA EMANCIPAÇÃO SOCIAL CRÍTICA	
Maria Heloiza Bezerra Da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.89419180719	
CAPÍTULO 20	201
CARACTERIZAÇÃO PRELIMINAR SOBRE O ENVELHECIMENTO HUMANO NA CIDADE DE SENHOR DO BÔNFIGO – BA: UM OLHAR GEOGRÁFICO	
Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega Lucas dos Santos Silva Valéria Cunha Rodrigues Érica Saane Miranda Alves	
DOI 10.22533/at.ed.89419180720	
SOBRE A ORGANIZADORA	215
ÍNDICE REMISSIVO	216

PERSPECTIVAS ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA: O LUGAR NA OBRA “CASA DE PENSÃO” DE ALUÍSIO AZEVEDO

Beatriz da Silva Souza

Universidade Federal de Alfenas
Instituto de Ciência da Natureza (ICN)
Alfenas-MG

RESUMO: O diálogo entre a Geografia e a Literatura com abordagens fenomenológicas e de cunho humanístico é recente. Neste trabalho, buscou-se aproximar a linguagem literária do conhecimento científico por meio da obra realista de Aluísio Azevedo, “Casa de Pensão”, a fim de encontrar características do “Lugar” – uma das categorias de análise da ciência geográfica – nas relações entre as personagens e o meio em que estão inseridas. A revisão da literatura possibilitou a aproximação com alguns autores da geografia humanista que teoriza sobre a categoria “Lugar”, que ajudou a caracterizá-lo como objeto a ser revelado na obra supracitada. Em “Casa de Pensão” as vaidades da Corte são evidentes e, ao mesmo tempo, díspares quando comparadas às simplicidades que envolvem a província maranhense (origem do autor e, também, do personagem principal). Desse modo, ressalta-se o lirismo e a reciprocidade entre as personagens e os lugares nos quais se produz o cotidiano. Estes lugares revelam desde as relações sociais corriqueiras, mostram apego ou negação a/de certos espaços e evocam

experiências passadas dos personagens, todas pautadas na vivência cotidiana na cidade brasileira do final do século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Casa de Pensão; literatura; geografia; lugar.

PERSPECTIVES BETWEEN GEOGRAPHY AND LITERATURE: THE PLACE IN THE LITERARY WORK “CASA DE PENSÃO” BY ALUÍSIO AZEVEDO

ABSTRACT: The dialogue between Geography and Literature with phenomenological and humanistic approaches is recent. In this study, sought to bring the literary language of scientific knowledge, through the work realistic Aluísio Azevedo, “Casa de Pensão”, in order to find characteristics of “Places” – on of the categories of analysis of geographical science – in the relationship between characters and the environment in which they are inserted. The literature review allowed the dialogue with some humanist geography authors to theorize about the category “Place”, which helped to characterize it as an object to be revealed in the literature. In “Casa de Pensão” the vanities of Court are evident and, at the same time, disparate compared the simplicities that surround the province of Maranhão (origin of the author and the main character) Thus, we highlight the lyricism and reciprocity between

the characters and places, which produces the daily life. These places reveal from everyday social intercourse, show or deny/attachment of certain spaces or evoke past experiences of the characters, all based on everyday experience in the Brazilian city from the late 19th century.

KEYWORDS: “Casa de Pensão”; literature; geography; place.

1 | PARA INICIAR O DIÁLOGO

A Literatura, assim como a Geografia, sempre esteve presente em meu cotidiano a partir das leituras assíduas e pelo interesse nas mais diversas sensações que as obras literárias podem proporcionar. Poder, enfim, somá-la ao universo geográfico representa uma imensa satisfação.

A Geografia permite, sobretudo, o diálogo com as demais ciências, mas com precisão ao identificar a totalidade de seu objeto de estudo – o espaço – somada com a flexibilidade por congregar as artes para identificar as mais variadas geografias.

Existe, pois, um conjunto de categorias que expressam a sua identidade ao discutir as ações sociais enquanto modeladoras da superfície terrestre (CORRÊA, 1995). O espaço, o lugar, o território, a paisagem e a região constituem-se como condições particulares da atuação humana na transformação do planeta. Essas categorias, ou os chamados conceitos basilares, foram pensados e estudados diferentemente em cada escola geográfica:

O embate entre distintas maneiras de encarar o ato de modelar a superfície terrestre é típico da Geografia, desde a constituição e o enunciado de seus pressupostos metodológicos em fins do século XIX. Neste período, encontramos no interior da Geografia Tradicional, a disputa entre possibilistas e deterministas. Durante o transcorrer do século XX, a Geografia Quantitativa neo-positivista opõe-se à Geografia Regional de Hartshorne e à própria Geografia Tradicional. Nos anos 1970, a Geografia Crítica em uma vertente materialista histórica se contrapõe à Geografia Teorética. Atualmente, o culturalismo coloca-se como contraponto às tendências marxistas (ROCHA, 2008, p. 129).

As discussões no âmbito da Geografia Humanista têm sido extremamente proveitosas, pois confrontam ideias, conceitos e percursos metodológicos distintos, que valorizam os objetos de estudo e os fenômenos geográficos, mas conferem centralidade ao sujeito que faz a pesquisa da qual é parte integrante.

Diante desta perspectiva, a subjetividade, a experiência, a intuição, o singular e os sentimentos somam-se à base das análises geográficas. Consequentemente, a percepção torna-se um mecanismo recente de modelar a geografia humanística, logo “a paisagem e o território ressurgem como categorias imprescindíveis, fruto da vivência do homem em determinado lugar” (ROCHA, 2008, p.130), sendo assim “o lugar torna-se conceito-chave, enquanto o espaço adquire o significado de espaço vivido” (CORRÊA, 1995, p. 30).

Relph (1970), então, abordou as possibilidades de a fenomenologia servir como suporte filosófico que fosse capaz de unir geógrafos que se ocupavam com os aspectos subjetivos relativos à espacialidade. O método fenomenológico passou a ser utilizado ao fazer descrições subjetivas do mundo vivido e das experiências humanas, com isso, houve a possibilidade de reconhecer as estruturas intrínsecas da percepção (HOLZER, 2008).

Os estudos embasados pelo método supracitado serviram para que Tuan (2012) afirmasse que o espaço e o lugar definem a natureza da geografia. Sob uma perspectiva humanista, ambos os conceitos deveriam ser abordados a partir dos sentimentos e das ideias de determinada população:

A importância do “lugar” para a geografia cultural e humanista é, ou deveria ser, óbvia. Como em um único e complexo conjunto – enraizado no passado e incrementando-se para o futuro – e como símbolo, o lugar clama pelo entendimento humanista (TUAN, 2012, p. 247).

A partir desta breve abordagem quanto à importância dos avanços epistemológicos da ciência geográfica, entende-se que a subjetividade viabiliza aberturas para novas aproximações que congreguem a Literatura.

Estabelecer essa leitura dos aspectos geográficos que não foram adequadamente abordados pelo conhecimento científico institucionalizado da Geografia, nas suas várias escolas sistematizadas e nos vários referenciais teóricos e metodológicos assumidos, é uma necessidade atual [...] para contribuir efetivamente a outra concepção de Ciência (FERRAZ, 2011, p. 17).

Sistematizaram-se as possibilidades do diálogo entre a Geografia e a Literatura e chegou à conclusão que a forma comumente utilizada é baseada em uma Literatura que comprove o conhecimento geográfico. Os romances realistas e regionais, por exemplo, são compostos por críticas sociais em que estereotipa as personagens e os locais encenados. “É a forma mais comum de abordagem de Literatura pela Geografia” (FERRAZ, 2011, p. 18).

Há também uma tentativa de renovar a leitura geográfica dos textos literários (Idem, p. 19), em que a Literatura determina o sentido geográfico ao destacar a força psicológica do meio sobre as personagens. É demarcado pelos romances um espaço vivido que parte dos lugares experimentados e interiorizados, focado na narrativa.

Por fim, é apresentada uma proposta possível que visa fundar a leitura nas condições em que o leitor se identifica no mundo, nesse sentido, apresenta-se “a possibilidade de diálogo e dialógica hermenêutica, de mútuas interpretações possíveis” (Ibidem, p. 20).

Entende-se, então, que a proposição de Ferraz (2011) que melhor se enquadra na análise de estudo desta pesquisa visto que cabe a elaboração e a interpretação da obra, respectivamente,

Informações sobre o processo do autor, local em que foi elaborada e motivos de elaboração; presença do autor na obra; Momento em que está sendo lida; objetivos da leitura; imagens pessoais que se relacionam com as destacadas na obra (FERRAZ, 2011, p. 20).

A obra “Casa de Pensão”, de Aluísio Azevedo, foi escrita em meados da década de 1870 durante os dois anos em que o autor permaneceu no Rio de Janeiro. Segundo Mattos (2004), no mesmo período o Rio de Janeiro se consolidava como um dos principais pilares da política e, também, como polo financeiro do Império, o que significava a centralização política e o predomínio dos cafeicultores como importantes agentes econômicos.

Com o processo de urbanização houve uma mudança no cotidiano que, a partir de 1870, com o avanço do republicanismo e do surto industrial, o período marcou o isolamento da monarquia portuguesa quanto à política, pois era uma geração de atores interessados na troca de regime.

As ideias que circulavam na sociedade eram de ordem positivista e evolucionista, que integravam os ideários abolicionistas. Ou seja, todo esse processo histórico serviu como base para o enredo de Aluísio Azevedo, que ousou criticar as instituições e a burguesia nascente.

Nesse sentido, o Lugar, que, segundo Tuan (2012), representa um conjunto complexo e simbólico, que pode ser analisado a partir das experiências pessoais de cada um e possui uma existência estável; e é a experiência individual ou coletiva que torna os lugares visíveis. O espaço não é uma ideia, mas um conjunto complexo de ideias. O lugar é um espaço estruturado. Logo, o lugar é necessariamente constituído a partir das experiências que se tem no mundo.

Assim, as características encontradas no romance realista viabilizaram a compreensão do lugar ao longo do enredo, pois se evidenciou a disposição do lugar como hostilizado, mas isso não caracteriza um não-lugar, visto que este representa o vazio de qualquer referência histórica, cultural e vivencial, e o lugar em questão não é desprovido das mencionadas referências.

2 | PERCURSOS DE PESQUISA

O objetivo geral do presente trabalho foi construir possíveis diálogos entre a obra realista “Casa de Pensão”, de Aluísio Azevedo, visto que é considerada uma espécie de documento social que retrata a época (século XIX), e a reflexão geográfica de base fenomenológica, de cunho humanista, sobre um dos objetos de análise da Geografia: o Lugar.

Os objetivos específicos que sustentaram a investigação sobre a relação entre Geografia e Literatura foram: i) construir uma revisão da literatura que fomente a síntese do conceito de lugar; ii) analisar a obra literária “Casa de Pensão”, de Aluísio

Azevedo, que evidencie características que dialoguem com o conceito de Lugar; iii) discutir possibilidades de a Geografia estar, de fato, presente na Literatura, e vice-versa; iv) descrever os “lugares” narrados no livro, objeto de discussão, neste trabalho, v) relatar experiências de vivências de personagens construídos na obra.

Esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa, uma vez que, segundo Severino (2007) envolve, eventualmente, referências epistemológicas, organizada a partir de procedimentos operacionais e/ou técnicas de pesquisa que melhor se adequaram como a pesquisa bibliográfica, análise de conteúdo, pesquisa documental e a documentação.

De acordo com Sposito (2003) os principais métodos de abordagem, na Geografia, são: hipotético-dedutivo, dialético e fenomenológico, pois estes contêm as características de um método científico e estão relacionados aos procedimentos específicos e teorias disseminadas pela comunidade acadêmica.

O método científico escolhido foi o fenomenológico-hermenêutico, pois “constitui uma reflexão filosófica interpretativa ou compreensiva sobre símbolos e mitos em geral [...], procurando romper a oposição entre sujeito e objeto” e firmando-se “uma visão antropocêntrica do mundo e uma recuperação do humanismo que a Nova Geografia havia feito desaparecer em seus modelos teóricos” (SPOSITO, 2003, p. 38). Desse modo, o objeto é constituído pela essência, ou seja, o conteúdo inteligível ideal dos fenômenos, que é captado através de uma leitura imediata.

3 | O RESSURGIMENTO DO LUGAR SEGUNDO OS GEÓGRAFOS

Para compreender o conceito de Lugar, inicia-se o debate sintético e literário ao parafrasear Carlos (2007), uma vez que o lugar se materializa e compreende o mundo moderno em diversas dimensões, em uma perspectiva mais ampla, significa dizer que no lugar se vive, logo, se realiza o cotidiano. É a partir disso que se revela a ideia de analisar o lugar na medida em que o processo de produção do espaço é também um processo de reprodução da vida humana.

O lugar abre a perspectiva para se pensar o viver e o habitar, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço. Ao mesmo tempo, posto que é preenchido por uma série de coações, expõe as pressões que se exercem em todos os níveis (CARLOS, 2007, p. 14)

Quer dizer, o lugar carrega em si e, não distante, o próprio significado e as dimensões do movimento da vida, possível de ser resgatado pela memória, a partir dos sentidos e do corpo. E, ainda, “o lugar se produz na articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica do particular” (CARLOS, 2007, p. 14).

O lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer, enquanto situações vividas e experienciadas, o que revela, no cotidiano, os conflitos do mundo moderno.

Diante disso, Carlos (2007) nos diz que,

A análise do lugar se revela – em sua simultaneidade e multiplicidade de espaços sociais que se justapõem e interpõem – no cotidiano com suas situações de conflito e que se reproduz, hoje, anunciando a constituição da sociedade [...]. O lugar é o mundo do vivido, é onde se formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é, modo onde em que é produzida a existência social dos seres humanos (CARLOS, 2007, p. 20).

O lugar demanda esforços analíticos para compreender a dinâmica do mundo, que tente abordá-lo com as particularidades de formas e conteúdos, principalmente pela própria influência histórica.

Na tentativa de caracterizar um não-lugar, pode-se iniciar ao afirmar que lugar é a porção a ser apropriada para se viver. Para Carlos (2007), a apropriação é realizada através do corpo, dos sentidos, dos passos dados pelos moradores, é o bairro, é a praça, é a rua. Nesse sentido, “poderíamos afirmar que não seria jamais a metrópole ou mesmo a cidade *latu sensu* a menos que seja pequena vila ou cidade – vivida/ conhecida/reconhecida em todos os cantos” (CARLOS, 2007, p.17-18).

A própria cidade do Rio de Janeiro representa um não-lugar para o personagem principal, uma vez que não vivencia ou (re)conhece todos os cantos, principalmente pela dimensão territorial. No entanto, o bairro em que Amâncio passa boa parte do enredo, as ruas do Alcântara, do Resende e da Direita, situadas, respectivamente, em São Gonçalo e ambas no Centro, são, enfim, compreendidas como lugar, pois a vivência acontece em sua totalidade. Logo, experienciar a cidade da Corte em sua completude evidencia uma dificuldade ao compreendê-la com um lugar, propriamente dito, em relação ao protagonista da obra.

Os lugares descritos na Literatura também são criados a partir destas considerações, uma vez que as personagens criam, a partir das experiências e vivências, significados subjetivos ao interagirem com o ambiente em que se situam, além, é claro, de contribuírem para a construção desse mesmo lugar, visto que são agentes ativos nesse processo.

Ao longo do avanço epistemológico, o lugar ficou adormecido, ausente dos discursos e pensamentos dos principais estudiosos dos demais conceitos de análise. Referente à importância e o esquecimento dos estudos a respeito, Frémont (1980) destaca que,

Os escolhos mais sérios apresentam-se ao nível das combinações mais simples, as que definem os lugares. Esta palavra, muito usada na língua corrente, não tem significado particular, e aparece com uma baixa frequência no discurso dos geógrafos [...]. Os lugares, no entanto, formam a trama elementar do espaço. Constituem numa superfície reduzida e em redor de um pequeno número de pessoas as combinações mais simples, as mais banais, mas talvez também as mais fundamentais das estruturas do espaço: o campo, o caminho, a rua, a oficina, a casa, a praça, a encruzilhada... Como bem diz a palavra, através dos lugares, localizam-se os homens e as coisas (FRÉMONT, 1980, p. 122).

Desde a implantação da Geografia como disciplina acadêmica – a partir de uma ideia positivista da ciência – o lugar passou a ser eventualmente estudado pelos geógrafos, mas sempre em segundo plano.

Tem-se então uma nova perspectiva, pois “é uma nova geografia que há que inventar, rompendo ainda divisórias entre disciplinas, com geógrafos abertos à literatura e à arte homens de letras a par da geografia”, mas que ainda não avançou quanto aos aperfeiçoamentos, afinal “as especializações atuais progridem muito pouco neste sentido” (FRÉMONT, 1980, p. 262).

Nesse sentido, Tuan (2012) propõe definições para discutir os significados e as subjetividades correspondentes ao lugar. Para ele, a geografia estuda os lugares sob dois olhares: a do lugar como localização (*location*) e a do lugar como artefato único. Como localização,

O lugar é a unidade entre duas unidades ligadas pela rede de circulação; [...] o lugar, no entanto, tem mais substância do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto especial, que tem história e significado. O lugar encara as experiências e as aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado (TUAN, 2012, p. 387).

Em plena atualidade, cada vez mais, o lugar ganha destaque na Geografia Humanista-Cultural, em que se sobressaem análises culturais, etnográficas, com enfoque sob uma perspectiva subjetiva, ou seja, de cunho fenomenológico. É no lugar em que as diversas experiências de espaços podem relacionar-se de um modo particular.

Há um exercício constante em aproximar a Geografia das demais ciências, no entanto, é preciso avançar ainda mais – sem anular as contribuições de outrora – para criar novas metodologias que congreguem o espaço vivido e os fenômenos culturais em que os objetos de análise da ciência geográfica estejam presentes e dialoguem de forma em que contribuições sejam perceptíveis.

A aproximação da Geografia com a Literatura se enquadra, portanto, nesta demanda de avançar na discussão das espacialidades e dos lugares nas poesias, nos contos, na literatura de cordel e na prosa.

Para Tuan (2013) conhecer um lugar significa desenvolver um sentimento topofílico (elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico; difuso como conceito vivido e concreto como experiência pessoal) ou topofóbico (contrário à topofilia, significa aversão ao ambiente físico, tornando-se o lugar do medo, da repugnância).

Os sentimentos descritos por Tuan (2013) aparecem na obra a ser analisada posteriormente, o sentimento nostálgico envolve as relações de afetividade, mas, por outro lado, tem-se a presença de um tísico que convive com as demais personagens na casa de pensão. Logo, não se espera que a relação dele com o ambiente seja

amorosa, identitária ou mesmo festiva.

Para finalizar o debate sobre a definição do conceito de Lugar e elaborar uma síntese, Mello (2012) nos diz que os espaços dos homens guardam mistérios, dores e desesperanças. Os lugares, o aconchego, o trabalho, as festas, os atritos e as recordações. Os indivíduos e os grupos sociais registram, com êxito a riqueza das experiências vividas com relação aos espaços e aos lugares, contribui-se assim para a criação, o conhecimento ou a consciência de porções espaciais vividas, próximas ou distantes.

A relação entre a Geografia e a Literatura aponta a possibilidade de caminhos que visam um enriquecimento mútuo entre a linguagem científica e a linguagem literária. Todo conhecimento possui a marcante função da manifestação das relações humanas quanto à “elaboração de referenciais que estabeleçam sentidos interpretativos ou lógicos de como nos localizamos e nos orientamos no mundo” (FERRAZ, 2011, p. 11). É justamente sob essa perspectiva que se entende a viabilidade do diálogo entre Literatura e Geografia.

4 | GEOGRAFIA NA LITERATURA; OS LUGARES NA OBRA “CASA DE PENSÃO”

A obra de Aluísio Azevedo expressa uma relação estreita entre a ciência geográfica e a literatura. Tal escritor foi influenciado pelos métodos experimentais enfatizados, na época, pelas ciências naturais, então a criação das personagens foi feita com base na observação direta da realidade. Logo, saiu a campo para fazer pesquisas e colher referências sobre o assunto a servir como inspiração para o enredo.

A figura central de “Casa de Pensão”, em torno da qual se desenvolve o romance, é um jovem maranhense chamado Amâncio. De família muito rica, mimado e protegido pela mãe, significativamente chamada de Ângela (anjo), e tratado com aspereza pelo pai. Migra para o Rio de Janeiro, por volta de seus vinte anos, para cursar a faculdade de Medicina. Pouco interessado pelos estudos, porém aos poucos se deixa levar pela fascinação do ambiente mundano da cidade da Corte.

Aos poucos, o protagonista descobre a hipocrisia e o jogo de interesses que marcam as relações interpessoais na Capital. Na casa de pensão onde mora junto a uma galeria de tipos humanos frustrados, vaidosos, imorais, infelizes, com quem passa a se relacionar.

Amélia, instruída pelo irmão (proprietário da pensão, chamado João Coqueiro), se insinua e envolve Amâncio com a sua sensualidade; por fim, tornam-se amantes. O rapaz se acomoda com a situação de poder desfrutar das carícias da moça quase como se fossem casados, pois a liberdade dada a eles é parte do plano de Coqueiro de Mme. Brizard (francesa, viúva, mais velha - esposa de Coqueiro) para que o casamento seja inevitável. Mas, nem tudo acontece como planejaram.

A ênfase dada aos anos de formação de Amâncio no ambiente familiar e escolar e a força do meio social no comportamento do jovem evidenciam as teses

naturalistas do autor, uma vez que as descrições das personagens e dos ambientes são detalhadas, porém sem abandonar ápices melodramáticos que revelam, ainda, marcas da prosa romântica. Por outro lado, o enredo apresenta pontos em comum com um caso real de assassinato motivado pela sedução de uma jovem, ocorrido por volta de 1876-1877, no Rio de Janeiro, período da primeira temporada que Aluísio Azevedo passou na cidade da Corte. Trata-se de um escritor realista, então buscou na realidade imediata elementos que vão fazer de sua obra uma espécie de documento social da época.

O Lugar aparece intrínseco ao longo da obra, sobretudo quanto a alguns personagens. Segundo Tuan (2013, p.151), “o espaço torna-se lugar à medida que adquire definição e significado”. Há uma relação de pertencimento e identidade com o lugar, lugares relacionados às vivências.

A obra apresenta este fato com clareza quando Amâncio refletia antes mesmo de chegar à Corte: “Vinhame-lhe então as nostalgias na província; o coração dilatava-se por um sentimento morno de saudade” (AZEVEDO, 2009, p. 29). Neste caso, o lugar refere-se aos espaços de vivência do personagem em São Luís, no Maranhão, o que exalta a forte relação deste com a sua origem.

Ao chegar ao Rio de Janeiro, no final do século XIX, Amâncio tinha uma carta de recomendação em mãos e precisava, então, procurar por Campos (conhecido de sua família, o trata como filho, inclusive quanto às tentativas de controlar a vida do jovem; comerciante de respeito), que ficou encarregado de recebê-lo, em sua casa,

A casa de Luís Campos era na Rua Direita. Um desses casarões do tempo antigo, quadrados e sem gosto, cujo ar severo e recolhido está a dizer no seu silêncio os rigores do velho comércio português. [...] A mesa era no andar de cima. Faziam-se duas: uma para o dono da casa, a família, o guarda-livros e hóspedes, se os havia, o que era frequente; e outra só para caixeiros, que subiam ao número de cinco ou seis (AZEVEDO, 2009, p. 11).

Pode-se parafrasear a descrição da casa de Campos com a afirmação de Tuan (2012, p. 410), pois “[...] demonstra quando as pessoas aplicam seu discernimento moral e estético aos sítios e localizações”, deduz-se que os hóspedes e frequentadores são tão honestos quanto o proprietário.

A descrição desse espaço como metodicamente organizado serve para demonstrar que a casa do comerciante é livre de quaisquer máculas, assim como a personalidade do dono, a qual é calcada no cumprimento das leis. Para deixar isso claro, o autor vale-se de diversos adjetivos, os quais são ligados à ideia de brancura que, por sua vez, desdobra-se na sensação de higiene e saúde.

A casa de pensão, o principal local onde a narrativa acontece, representa um lugar em que uma suposta ordem camufla a desordem. Em outras palavras, Coqueiro tenta convencer Amâncio de que a habitação coletiva é uma casa comum, tal como a de Campos, um local em que não há desvios de conduta, pois seus moradores seriam

peessoas honestas e trabalhadoras. Em um diálogo entre Amâncio e Coqueiro, este último tenta convencê-lo a se mudar para a pensão, toma-se conhecimento dessa aparente ordem, marcada pela rotina familiar.

– É como lhe digo, recapitulava este. – Aquilo não é um hotel, é uma casa – casa de família! Não temos hóspedes, temos amigos! Minha mulher é quem toma conta de tudo... [...].– Fica-se muito melhor em uma casa de família, continuava o outro. – A vida em hotel ou a vida em república é o diabo: estraga-se tudo: o estômago, o caráter, a bolsa, ao passo que ali você tem o seu banho frio pela manhã, torradas à noite e, se cair doente (o que não lhe desejo), há quem o trate, quem lhe prepare um remédio, um caldo, um suadouro, um escalda-pés (AZEVEDO, 2009, p. 47).

Há uma tentativa de aproximar a casa de pensão da residência de Campos no que se refere às normas e, ao mesmo tempo, ao acolhimento e conforto.

Em suma, Aluísio Azevedo não mede esforços quanto aos detalhes dos cômodos, principalmente, dos quartos dos hóspedes. Por exemplo, no primeiro quarto um advogado auxilia a legitimar a ideia de ordem e legalidade. O segundo é alugado por um comerciante falido que recebe comentários negativos juntos à respectiva esposa. Esse elemento é acompanhado por referência ao hospedado que sofre de tuberculose, ao qual se entende que representa um prenúncio da doença que se espalhará pela casa ao desenvolver o romance.

É importante ressaltar que o último instante de vida do personagem principal, que, em um quarto abandonado, clama pela mãe, pode ser lido como a invocação ao lugar provinciano em suas significações, em que as relações simples e despretensiosas foram substituídas pelos interesses das pessoas que o cercava.

Observa-se que o romance não questiona as relações de poder que norteiam a vida de Amâncio, antes as defende na pessoa da mãe e seu ideal familiar. A perda das características do que seria o lugar ideal continua, pois além de sepultar o protagonista do enredo, o próprio casarão, que se transformou na pensão de Coqueiro e Mme. Brizard, também deixa de existir.

5 | A CONCLUIR

Foi possível constatar que a aproximação dos estudos científicos com a linguagem literária é fruto da corrente humanista, visto que é a melhor que se ajusta a estes estudos ao ser composta de bases teóricas e meios adequados para abordar as questões relativas aos sentimentos, as experiências e os simbolismos, ao contemplar diferentes modos de análises, por vezes pouco consideráveis, que englobam significados, pertencimentos, subjetividades e entendimentos.

A Literatura é somada à Geografia e compõe uma espécie de documento a ser analisado, assim como se pretendeu ao longo desta pesquisa, de modo em que as interpretações foram direcionadas para a compreensão dos fenômenos. Sabe-se que essa é recente na ciência geográfica que ainda tem muito que se beneficiar dos

aspectos descritos nas mais diversas obras literárias.

O enredo de “Casa de Pensão” favoreceu o estudo do Lugar a partir da relação de vivência das personagens e dos significados que são latentes e que sugerem exercícios para que os aspectos científicos não fiquem em segundo plano.

O Lugar foi centralizado na casa de pensão, justamente por concentrar a imoralidade das personagens em relação aos cômodos/quartos ocupados que refletiam a personalidade, o caráter e a necessidade. Os ambientes que remetem à ordem e à organização refletem bons comportamentos, conseqüentemente, a desordem do lugar evidencia descontroles emocionais e patologias.

Além de problematizar a realidade da burguesia fluminense e a interação dessa com os ambientes, possibilita outras análises críticas como a migração, a urbanização e, conseqüentemente, a violência urbana, uma vez que o enredo foi baseado em um assassinato banal (“Questão Capistrano”), o conceito de paisagem devido a riqueza dos detalhes descritos, o modo de vida da burguesia e a racionalidade cientificista; que, não compuseram a análise do presente estudo, mas viabilizam estudos posteriores.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aluísio. **Casa de Pensão**. São Paulo: Paulus, 2009.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Lugar no/do mundo**. FFLCH/USP, São Paulo, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço, um conceito-chave da Geografia**. In: CASTRO, Iná Elias de. Geografia, conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 15-47, 1995.

FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira. **Transfazer o Espaço: ensaios de como a literatura vira espaço e vice-versa**. Ed. UFGD, MT. 2011.

FRÉMONT, Armand. **A região, espaço vivido**. Coimbra. Almedina, 1980.

HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista: uma revisão**. Espaço e Cultura. UERJ, Rio de Janeiro, p. 137-147, 2008.

MATTOS, Ilmar Rahloff de Oliveira. **Tempo Saquarema**. Ed. Hucitec: 5ª ed., São Paulo, 2004.

MELLO, João Baptista Ferreira de. **O Triunfo do Lugar Sobre o Espaço**. In: Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, p. 33-68, 2012.

ROCHA, José Carlos. **Diálogo Entre as Categorias da Geografia: espaço, território e paisagem**. Caminhos de Geografia, v. 9, n. 27, p. 128-142, 2008.

SEVERINO, Joaquim Antônio. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23ª ed. Cortez, São Paulo, 2007.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e Filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: UNESP, 2003.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. EDUEL, Londrina, PR. 2013.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. EDUEL, Londrina, PR. 2012.

SOBRE A ORGANIZADORA

Natália Lampert Batista: Graduada em Geografia (Licenciatura) pelo Centro Universitário Franciscano (2013). Mestre e Doutora em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGGeo), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, 2015 e 2019 respectivamente). Atualmente é Professora de Geografia (Anos Finais) na Prefeitura Municipal de Santa Maria (PMSM) e Supervisora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), Subprojeto Geografia - UFSM. Tem interesse nas áreas de pesquisa de Ensino de Geografia; Cartografia Escolar; Educação Ambiental; Geotecnologias e Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) na Educação; Multiletramentos, Multimodalidade e Contemporaneidade; Formação de Professores; Educação Popular; Cartografia Geral e Temática; Geografia Urbana; Geografia Agrária; e Geografia Cultural.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agricultura familiar 8, 20
agroecologia 5, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 21
Água 6, 118, 125, 144, 145, 148, 149, 150, 151, 153

C

Campesinato 8, 16, 20, 21
Capitalismo 8, 10, 11, 12, 13, 15, 20, 65

D

desenvolvimento sustentável 1
Dinâmica Socioeconômica 201

E

Educação 5, 7, 84, 142, 143, 146, 148, 149, 152, 153, 155, 162, 163, 165, 176, 178, 188, 189, 193, 194, 197, 199, 200, 215
Emancipação 194, 200
Envelhecimento Humano 201
Estado 17, 27, 30, 41, 49, 50, 51, 52, 53, 58, 66, 67, 70, 72, 74, 75, 76, 80, 81, 83, 84, 85, 89, 104, 106, 107, 109, 110, 113, 119, 127, 128, 130, 145, 146, 169, 197, 198, 199, 202

F

Fragilidade Ambiental 114, 115, 116, 119, 121, 126, 127, 128

G

Geografia 2, 5, 6, 7, 1, 19, 20, 25, 40, 41, 52, 54, 55, 63, 64, 73, 74, 78, 81, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 100, 101, 102, 111, 114, 129, 130, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 168, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 189, 190, 192, 193, 201, 205, 207, 214, 215, 216, 217, 218
Geopolítica 145, 150, 151, 152, 164
Georreferenciamento 22
gestão urbana 74, 75

H

Haiti 54, 57, 58, 60, 68

L

Legislação Ambiental 78, 82

lugar 6, 3, 11, 13, 71, 76, 83, 85, 86, 87, 88, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 137, 154, 155, 158, 159, 164, 166, 174, 176, 177, 178, 180, 181, 183, 184, 189, 199, 205, 206, 207, 208

M

Migração 54, 63, 64

N

Neoliberalismo 5, 65, 72

P

planejamento urbano e regional 6, 74, 76

possibilidades 71, 74, 93, 95, 149, 197

Q

Questão agrária 8

R

Raciocínio Geográfico 164

Reforma Trabalhista 5, 65, 66, 67, 68, 69

Relação Produção-Consumo 22

Relação Rural-Urbano 22

Rio Dourados 6, 114, 115, 126, 127

S

Semiárido 144

T

Território 52, 78, 80, 88

Trabalhadores Rurais 19, 194

Trabalho 7, 54, 55, 59, 61, 63, 64, 65, 66, 69, 101, 194, 199, 200

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-489-4

